



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13683 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

TECENDO CONVERSAS COM AS JUVENTUDES E AS FOTOGRAFIAS

Ravelly Machado Soares Güntensperger - UFF - Universidade Federal Fluminense

### TECENDO CONVERSAS COM AS JUVENTUDES E AS FOTOGRAFIAS

**Resumo:** Este texto narra a experiência de uma “Roda de imagem roda de conversa” produzida por uma *professorapesquisadora* <sup>[1]</sup> e os estudantes das classes populares de uma escola pública. Com o apoio dos estudos com os cotidianos, a partir das conversas na sala de aula, a professora propôs conversar com as fotografias produzidas pelas juventudes, os *praticantespensantes* da cidade. Com essa atividade, buscou-se pensar coletivamente, com as narrativas de diferentes jovens que contaram sobre os usos que fazem do bairro em que vivem e suas presenças nos diferentes ambientes dos espaços que habitam na cidade em que moram. Suas narrativas apontam para uma relação com o ambiente que considere as relações e os afetos de dentro e fora da escola.

**Palavras-chave:** juventudes, conversas, estudos com os cotidianos, ambientes

### INTRODUÇÃO

A partir das conversas com as diferentes juventudes que estão dentro e fora da escola, este texto apresenta uma proposta chamada “Rodas de imagens rodas de conversas” <sup>[2]</sup>, utilizada em uma pesquisa de mestrado em educação, já finalizada. A atividade foi utilizada como provocadora de narrativas que contam sobre diferentes temas e assuntos. Essa metodologia está inserida na perspectiva dos estudos com os cotidianos e compreende que este é o *espaçotempo* de produção de conhecimentos e de sobrevivência dos diferentes *praticantespensantes* sociais, da complexidade da vida social na qual se inscreve as produções de conhecimentos e práticas científicas, sociais, coletivas e individuais. Por isso, a importância de aprofundar seu estudo e desenvolver a compreensão de sua complexidade para

pensarmos a realidade social e as possibilidades emancipatórias que nela se inscrevem (OLIVEIRA e SGARBI, 2008, p. 72).

Desta forma, propõe-se as conversas com o objetivo de não hierarquizar os conhecimentos, mas pensar com os diferentes saberes e formas de estar no mundo, considerando a tessitura e a produção de conhecimento em rede, tecida nas relações sociais, considerando as diferentes experiências, valores e formas de ser e estar mundo. Na tessitura, cada um é “uma rede de sujeitos (Santos, 1995), de conhecimentos, de desejos, de crenças e convicções, de ideias e estamos permanentemente inscritos em uma realidade social dinâmica que nos forja e por nós é forjada” (OLIVEIRA e SGARBI, 2008, p. 75).

Neste texto, buscou-se pensar com as juventudes, no plural, pois entende-se que não há uma juventude única, homogeneia. Enne e Passos, reconhecem as juventudes como uma categoria polissêmica, em constante disputas (ENNE e PASSOS, 2018, p. 126), atravessadas por diferentes influências e vivências produzidas em diferentes redes de relacionamentos e afetos. Seus processos identitários envolvem “classes sociais, etnias, valores, posições religiosas, espaços geográficos, gêneros e muitos outros” (MELO ET AL, 2012, p. 164).

É importante destacar que, a “Roda de imagem roda de conversa” é o princípio metodológico desta pesquisa, sem se reduzir a uma metodologia fechada, por ser compreendido como método que se subverte a si mesmo no decorrer da dinâmica da pesquisa. Neste sentido, não há uma prescrição, uma estruturação ou semiestruturação das conversas, existindo apenas um mote, ou um tema provocador que pode ser subvertido pelo movimento realizado pelo(a)s jovens conversadores. As conversas apresentadas aqui buscaram não serem prescritivas, nem rotularem padrões ou fixarem estereótipos.

A proposta inicial consiste na definição de um tema relativo à vida cotidiana. Convidar a este(a)s jovens a produzirem imagens sobre determinados temas usando máquinas fotográficas ou celulares e, na sequência, conversarmos tendo estas imagens como provocadoras de reflexão.

## **UM CONVITE ÀS JUVENTUDES**

Nas aulas de ciências, para pensar sobre meio ambiente, a professora de biologia convidou uma turma de estudantes de ensino médio para produzirem fotografias do bairro em que moram, como forma de narrarem como vão tecendo suas relações com os ambientes de tais espaços. Com as fotografias, a turma foi convidada a narrar os lugares que mais gostavam no bairro, que mais frequentavam e gostariam de apresentar.

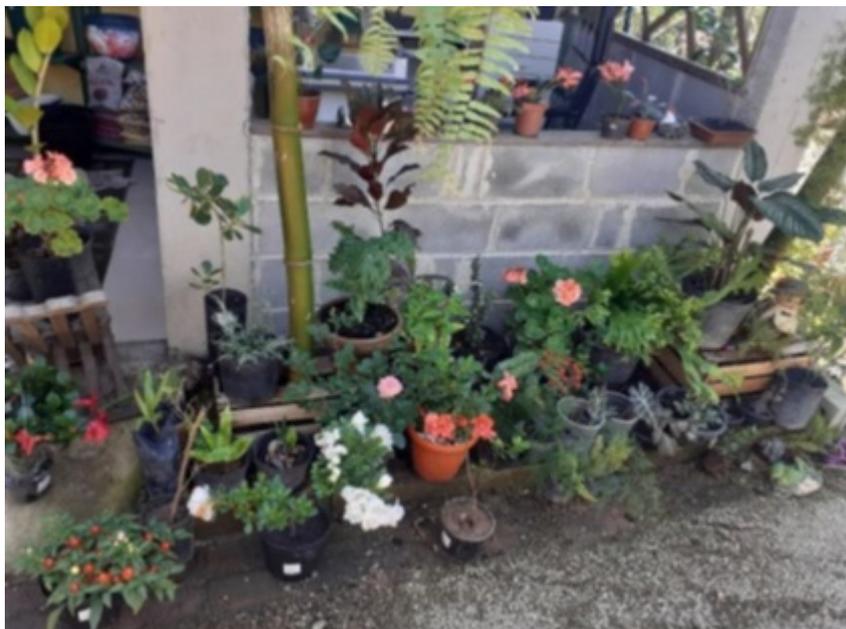
A proposta de produzirem fotografias está relacionada com o fato de que há um interesse pelas imagens e entendendo com Samain (2012) que as imagens sempre oferecem algo que nos façam pensar, “são poços de memória e focos de emoções e sensações, isto é, lugares carregados de humanidade” (SAMAIN, p. 22, 2012). Ao se associarem com outras imagens elas podem provocar e/ou movimentar ideias (SAMAIN, 2012), memórias e histórias

que o ato de conversar com as imagens podem provocar.

Ao olharem juntos para as fotografias e conversarem com/sobre elas, a professora e os estudantes estão movimentando o que Barthes chama de *punctun*, aquilo o que nos chama atenção em uma fotografia, nos punge. É aquele detalhe da fotografia que não é intencional, que atrai e muda a leitura do *Spectator* e provoca uma nova fotografia a partir de um novo olhar (BARTHES, p. 2018).

As conversas possibilitam encontros que colocam ideias em circulação, reflexões que podem levar a mudanças de sensações, opiniões e convicções, possibilitando ampliarem suas redes de significações. Com Serpa (2018), compreende-se o diálogo enquanto o lugar do encontro e da troca onde os “sujeitos se encontram, se desafiam, se complementam, se antagonizam, se movem e se transformam” (SERPA, 2018, p. 104). Desta forma, com as conversas e fotografias, propomos as rodas de imagens rodas de conversas.

E na imprevisibilidade que acontecem nos encontros provocados pelas conversas, a turma, em um primeiro momento recusou o convite feito pela professora de biologia. Narraram sobre os riscos impostos pelas violências na região para fotografarem os locais que gostariam de apresentar. Um pouco desmotivados, a professora achou melhor não insistir e, conversando com a professora de português da turma, foi aconselhada a dar uma nova chance ao seu pedido. A professora de português havia se interessado pela proposta da atividade e foi pessoalmente conversar com a turma. Para ela que morava no mesmo bairro que os estudantes, havia diversos espaços que poderiam ser apresentados em suas fotografias. Para a surpresa da professora de biologia, em seu retorno à turma, recebeu o comunicado de que gostaria de participar da atividade. E na aula seguinte trouxeram em alguns celulares suas fotografias que foram enviadas para a professora por bluetooth. Dentre as muitas fotografias enviadas, foram selecionadas algumas para esse texto. Em uma sala de aula, a professora organizou as cadeiras em roda e com o auxílio de um Datashow, projetou na parede. O que as fotografias poderiam nos contar sobre os ambientes do bairro em que moram?



Durante esta roda de imagem roda de conversa, os estudantes comentaram sobre morarem em um bairro chamado Jardim Primavera e não encontrarem flores por onde transitam. Por isso, a estudante autora desta fotografia anunciou que se tratava de uma floricultura localizada no bairro próximo ao que os estudantes moram.

O sentimento de curiosidade sobre aquela informação fez com que a professora perguntasse: como o bairro poderia ter este nome e não ter flores? Mas algo inesperado aconteceu, na sequência, as flores antes ausentes naquele espaço, surgiram em outras fotografias.



Essas são algumas das flores fotografadas por estudantes da turma, foi possível perceber que na escola existem plantas por todo o terreno, mas não são percebidas por todos. Enquanto as imagens eram exibidas no Datashow, a professora perguntou os locais em que estavam cada uma delas. Os estudantes foram reconhecendo e indicando cada uma delas, e nesse movimento foram produzindo um mapa da escola. Em tal bairro, há um horto e um Parque Natural Municipal, conhecidos por poucos daquele grupo, o que fez com que alguns dos estudantes recebessem a notícia com surpresa. Outras fotografias também apresentavam árvores e flores não só na escola, mas pelo bairro.

E a cada uma delas, uma história era narrada. Junto às fotografias, os deslocamentos dos olhares dispararam conversas acerca de suas histórias no bairro em que moram, apontando as regiões impactadas pela falta de saneamento e manutenção dos espaços de convivência pública. Pensando com Certeau (2014) sobre os usos que fazemos do espaço, os estudantes ao narrarem sobre suas fotografias, contaram sobre os usos que fazem das regras impostas por um poder que do qual não fazem parte. Desta forma, através das fotografias, os estudantes foram contando sobre as casas que apareciam nas imagens, sobre suas famílias, sobre suas memórias em relação a algum espaço. Movimentos que provocam pensar em uma educação ambiental cotidiana que considere as relações dos estudantes com os espaços em que vivem,

que considere as diferentes realidades dos grupos sociais, como as desigualdades ambientais vão afetando principalmente os grupos periféricos, os que menos impactam na produção da crise climática. Pois, reduzir a:

Temática ambiental a elementos cognitivos e comportamentais que não permitem perceber a complexidade da crise ecológica, por que responsabilizam indivíduos, sua ignorância e/ou seus comportamentos, às crises ambientais – escassez e poluição de fontes de água, descarte inadequado de resíduos sólidos etc. – sem fazer uma leitura sistêmica ou estrutural de qual crise – o modo de produção capitalista. (MENEZES et al, 2019, p. 69)

É importante ressaltar que há diferentes formas de entender meio ambiente e, conseqüentemente, educação ambiental, que envolvem disputas políticas e epistemológicas. Entretanto, para as discussões que surgem com as imagens e as conversas, se afastando de uma ideia utilitarista e prescritiva de ambiente desprezando as disputas, contradições e conflitos que possibilitam entender a complexidade da crise ambiental, é preciso considerar o meio sociocultural e ambiental dos estudantes, pois os espaços estão produzindo modos de ver e se relacionar da mesma forma em que são impactados por esse movimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas conversas de sala de aula, estudantes, os *praticantes pensantes* do cotidiano escolar, contaram sobre seus deslocamentos pelos bairros e os ambientes do bairro em que vivem. Contaram sobre como se relacionam com os diferentes espaços. Narraram sobre a falta de manutenção nos espaços de convivência do bairro, sobre as relações afetivas com as residências de suas famílias, sobre escola ser parte desse (meio)ambiente, na qual passam a maior parte de seus dias. A roda de imagem roda de conversa narrada anteriormente, possibilitou a observação coletiva dos espaços em que transitam, incluindo a escola, e o deslocamento para outras percepções que só coletivamente foi possível perceber. Com isso, os estudantes discutiram sobre como suas formas de habitar este bairro são afetados pela ausência da garantia de direitos assegurados pelo Estado, direitos como acesso a saneamento básico, a uso de água potável e da coleta regular de resíduos sólidos.

Foi possível discutir sobre a ação humana na alteração dos ambientes, entretanto, percebeu-se que nem todos os grupos sociais alteram da mesma forma. E não são afetados da mesma forma, pois grupos sociais periféricos são os que mais são afetados com a crise ambiental provocada pela grande indústria.

Com a “roda de imagem roda de conversa”, os jovens puderam ampliar as suas redes de significação e foi possível pensar em uma educação ambiental tecida a partir das relações dos jovens, que considere as memórias afetivas e as suas histórias com os espaços que ocupam no bairro que habitam. Ao conversarem sobre cada fotografia, foi possível pensar sobre os usos que fazem dos ambientes, entendendo com Certeau (2014), os usos como a

maneira de fazer, a forma com que os *praticantespensantes* manipulam e subvertem as regras impostas por um poder hegemônico, do qual não fazem parte. Nesse movimento, as juventudes vão estabelecendo criatividade e pluralidade a essas regras que estão estabelecidas nas relações de poder, produzindo outras regras.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 102 p., 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**, 22 ed. Petrópolis, Rj, Vozes, 2014.

ENNE, Ana Lucia, PASSOS, Pâmela. Juventudes e apropriações urbanas em uma leitura polissêmica: reflexões acerca da categoria “juventude” a partir de um estudo de caso sobre lan houses em favelas cariocas. *Políticas Culturais em Revista*, Salvador, v. 11, n. 2, p. 123-145, jul./dez, 2018.

MELO, Luciana C. M., SOUZA, Gilmara S., DAYRELL, Juarez. **Escola e juventude: uma relação possível?** Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum. Soc. e da Saú., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 9 n.12 p. 161-186 jan. /jun. 2012.

OLIVEIRA, Inês B. de, SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano e educação**. Belo Horizonte. Autêntica editora, 2008.

SAMAIN, Etienne. **As imagens não são bolas de sinuca**. In: SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2018. p. 21-40.

SERPA, Andréa. **Conversas: possibilidades de pesquisa com o cotidiano**. in: *Conversa como metodologia de pesquisa por que não?* Org. RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen S. Rio de Janeiro: Ayvu, 93 - 118 p., 2018.

---

[1] Nos estudos com os cotidianos buscamos aglutinar palavras consideradas antagônicas, por isso, ao longo do texto usaremos algumas expressões aglutinadas como *espaçostempos* e *praticantespensantes*.

[2] Optamos por não colocar o hífen entre as palavras imagens e rodas para provocarmos a ideia de um contínuo entre as rodas.